

MUNDO DA PUBLICIDADE

EDIÇÃO 4

MULHERES NO PODER

A sociedade depende das mulheres. Todas as nações que as isolam são intocáveis". - Voltaire



UNIFEBE

PUBLICIDADE
E PROPAGANDA





MUNDO DA PUBLICIDADE

SUMÁRIO

Página 3

**Nota dos Editores da Revista
Mundo da Publicidade**

Páginas 4

**Dia Internacional da
Mulher, por quê?**

Página 8

**O Gambito
da Rainha**

Página 9

A moda para mulheres, por Gabi Lenzi

Página 13

Grammy, por Anah Pop

Página 15

Joy: O nome do sucesso, por Aline

Página 16

Mulheres que representam, por Anna

Página 19

**Elas também fazem parte da nossa
história!, por Anna**

Página 21

**Minha História - Michelle Obama, por
Anna**

Página 22

Perfil do Instagram, por Aline

Página 26

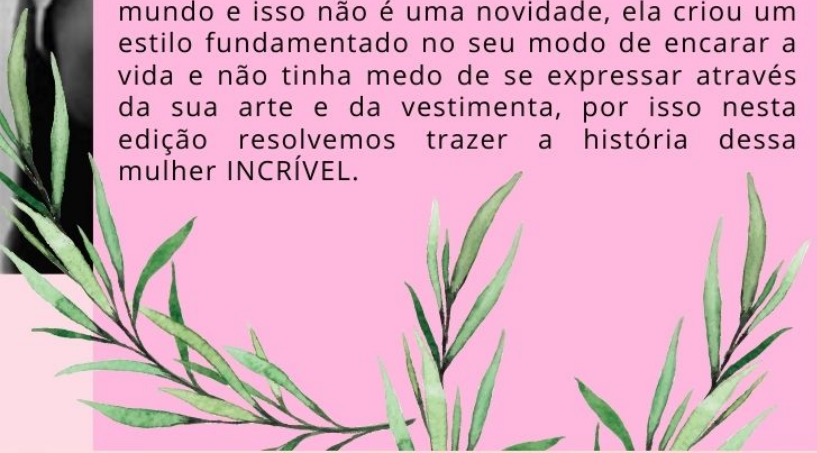
Carta ao leitor

Página 28

Na edição anterior (respostas)

Entre 23 e 25

Frida é reconhecida nos quatro cantos do mundo e isso não é uma novidade, ela criou um estilo fundamentado no seu modo de encarar a vida e não tinha medo de se expressar através da sua arte e da vestimenta, por isso nesta edição resolvemos trazer a história dessa mulher INCRÍVEL.





Hoje, as cortinas se abrem e um novo espetáculo se inicia. Após um mês de intenso trabalho da equipe feminina, entregamos uma edição da Revista Mundo da Publicidade completamente diferente. No mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, não poderíamos perder a oportunidade de entrevistar, conversar, pesquisar e escrever sobre estas pessoas tão fortes, intensas, corajosas e que merecem todo o respeito do time da Revista Mundo da Publicidade.

Levamos tão a sério, que neste mês demos folga aos homens que compõem a equipe Mundo da Publicidade. Não que eles não sejam importantes para nós (ou que não fizeram falta nos nossos calorosos debates de escolha de pauta), mas queremos conversar mais de perto com você, com assuntos que sejam do nosso interesse. Ah! Confessamos que foi muito divertido poder falar assuntos do Clube da Luluzinha, sem que os homens interferissem com assuntos dos quais não temos tanta (ou zero) afinidade.

Tudo o que você vir nesta edição, foi desenvolvido pelo time feminino desta revista (talvez por esse motivo que ela tenha ficado tão linda rsrs). Desde a concepção das pautas, da escolha das fotografias, das ilustrações, da correção gramatical, tudo feito por mulheres do curso de Publicidade e Propaganda da UNIFEBE e com a participação da professora Rosana Paza, que realiza as nossas correções textuais. Ah, e você deve se perguntar: E o Thiago? Sim, demos folga a ele nesta edição e falamos: Vá descansar, que no fim do mês você receberá uma edição ultra, mega, power “maravilhosa”! Quer saber o que ele nos falou? O poder é de vocês!

Agora, vire a página e, como uma cortina, um espetáculo se inicia.

Boa leitura!

Abraços

Equipe Mundo da Publicidade

Expediente

Orientação: Thiago Santos

Correção: Rosana Paza

Participação de:

Gabriela Lenzi

Execução

Aline Inácio da Silva

Anna Luiza Ferreira

Mariana Rocinski Horn





DIA INTERNACIONAL DA MULHER, POR QUÊ?

Por Aline Inácio

Dia 8 de março comemoramos o Dia Internacional da Mulher, um dia que podemos homenagear e agradecer às mulheres que amamos, às mulheres que fazem parte das nossas vidas, da nossa história.

Por isso, na edição deste mês de março resolvemos homenagear cada mulher, pois cada uma é única e especial. Mas vamos lá, você sabe por que o Dia Internacional da Mulher começou a ser celebrado no dia 8 de março e por que essa data é tão importante? Desde o final do século 19, diversas organizações femininas vindas de movimentos operários protestavam em vários países da Europa e nos Estados Unidos. Elas trabalhavam em média 15 horas por dia, e ainda recebiam salários inferiores aos dos homens, apesar de fazerem o mesmo trabalho, além do mais, elas buscavam melhores condições de trabalho e o fim do trabalho infantil, que era super comum na época.

Com o passar dos anos, o movimento dessas mulheres foi ganhando cada vez mais força, e com isso mais reivindicações foram surgindo e ganhando força, como a igualdade de gênero, direito ao voto e até mesmo as manifestações contra a violência.

PRIMEIRO DIA DA MULHER NACIONAL (1908)



O primeiro Dia Nacional da Mulher foi celebrado em maio de 1908, nos Estados Unidos, quando cerca de 1.500 mulheres aderiram a uma manifestação em prol da igualdade econômica e política no país. Ele foi organizado por socialistas e operárias estadunidenses que se reuniram nas ruas, no último domingo de fevereiro, e acabou recebendo o nome de Dia da Mulher.

No ano seguinte, o Partido Socialista dos EUA oficializou a data 28 de fevereiro, com um protesto que reuniu mais de 3 mil pessoas no centro de Nova York. Em novembro do mesmo ano ocorreu uma longa greve têxtil que fechou cerca de 500 fábricas americanas.

CRIAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER (1910)

Em 1910, na cidade de Copenhague, Dinamarca, ocorreu o II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, que foi apoiado pela Internacional Comunista. Nesse evento, Clara Zetkin, integrante do Partido Comunista Alemão, propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher, sem estipular uma data específica, a qual foi aprovada por mais de cem representantes de 17 países.

Essa proposta era fruto tanto do feminismo, que ascendia naquela época, quanto das correntes revolucionárias de esquerda, como o comunismo e o anarquismo. Clara Zetkin era engajada com campanhas que defendiam o direito das mulheres no âmbito trabalhista. Sua proposta visava a possibilitar que o movimento operário pudesse dar maior atenção à causa das mulheres trabalhadoras. Clara era alemã e se dedicava fortemente à conscientização feminina. Ela fundou a revista Igualdade, que durou 16 anos (1891 - 1907), e chegou a ser deputada em 1920.



INCÊNDIO DE 1911



No meio a essa efervescência de movimentos trabalhistas na Europa e nos Estados Unidos, ocorreu um grande incêndio na fábrica têxtil Triangle Shirtwaist Company, em Nova York.

As histórias que remetem à criação do Dia Internacional da Mulher alimentam o imaginário de que a data teria surgido a partir da tragédia, que aconteceu em 25 de março de 1911, e matou 125 mulheres e 21 homens que trabalhavam no local. A empresa tinha 600 trabalhadores, a maioria mulheres imigrantes judias e italianas, que tinham entre 13 e 23 anos.

O ocorrido serviu para reforçar a importância dos movimentos sindicalistas para a segurança dos trabalhadores e para as mulheres, pois ocupavam a maioria nesses espaços e tinham condições de trabalho piores do que as dos homens.

Sem dúvida, o incidente ocorrido marcou a trajetória das lutas feministas ao longo do século 20.

GREVE NA RÚSSIA (1917) - MARCO HISTÓRICO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Com a Primeira Guerra Mundial eclodiram ainda mais protestos em todo o mundo, pedindo redução nas jornadas de trabalho e outros direitos básicos com foco nas trabalhadoras. Mas foi em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro no calendário Juliano, adotado pela Rússia até então), quando ocorreu uma grande greve de trabalhadoras do setor da tecelagem.

O movimento foi tão grande reunindo aproximadamente 90 mil operárias, que se manifestaram contra o Czar Nicolau II, as más condições de trabalho, a fome e a participação russa na guerra. Esse protesto ficou conhecido como "Pão e Paz", pois algumas das mulheres eram esposas de soldados, e queriam o "Retorno de nossos maridos das trincheiras" e "Pão para nossos filhos". De fábrica em fábrica, elas convocaram o operariado russo contra a monarquia e pelo fim da participação da Rússia na I Guerra Mundial.



A revolta se estendeu por vários dias, assumindo gradativamente um caráter de greve geral e de luta política. Ao final, eliminou-se a autocracia russa e possibilitou-se a chegada dos bolcheviques ao poder. A atuação de mulheres russas revolucionárias como Aleksandra Kollontai, Nadiéjda Krúpskaia, Inessa Armand, Anna Kalmánovitch, Maria Pokróvskaia, Olga Chapír e Elena Kuvchínskaia, é considerada imprescindível para o início da revolução.



Em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo internacional que afirmava princípios de igualdade entre homens e mulheres.

E, somente em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o Ano Internacional das Mulheres, como uma ação voltada ao combate das desigualdades e discriminação de gênero em todo mundo. Como parte desses esforços, o dia 8 de março foi oficializado como o Dia Internacional da Mulher; e, hoje, podemos relembrar a história de resistência feminina para continuar a caminhada juntas.

E NO BRASIL?

No Brasil, as movimentações em prol dos direitos da mulher surgiram em meio aos grupos anarquistas do início do século 20, que buscavam, assim como nos demais países, melhores condições de trabalho e qualidade de vida. A luta feminina ganhou força com o movimento das sufragistas (movimento que defendia o direito ao voto para todas as pessoas, sem distinção de raça, sexo, cor etc.), nas décadas de 1920 e 30, que conseguiram o direito ao voto em 1932, na Constituição promulgada por Getúlio Vargas.

Na década de 1970 começaram a surgir no país, organizações que incluíam a igualdade de gênero, a sexualidade e a saúde da mulher em pauta. Em 1982, o feminismo começou a manter um diálogo importante com o estado, surgindo, assim, a Comissão da Condição Feminina do Conselho Estadual em São Paulo, e 3 anos mais tarde foi fundada primeira Delegacia Especial da Mulher na capital paulista.

Por isso, o dia 8 de março não é apenas uma data comemorativa, ele carrega uma história, é um dia para reflexão a respeito de toda a desigualdade e a violência que as mulheres sofrem no mundo. É um momento para combater o silêncio que ainda existe e que normaliza a desigualdade e as violências sofridas pelas mulheres, além de ser um momento para repensar atitudes e tentar construir uma sociedade sem desigualdade e preconceito de gênero.

Além do mais, devemos agradecer por todas as mulheres guerreiras que abriram caminho para que pudéssemos ter espaço na sociedade. Ainda temos muito a evoluir, mas isso não seria possível sem esses primeiros passos. E a data é tão importante para que possamos sempre reforçar nossos ideais e não nos esqueçamos dos motivos pelos quais estamos onde estamos hoje.



O Gambito da Rainha

Por Anna Ferreira

Com sete episódios na Netflix, O Gambito da Rainha é um sucesso global impressionante, você PRECISA assisti-la!

Nessa história, Beth Harmon é uma órfã de 8 anos, com capacidades incríveis para o xadrez, que desenvolve no orfanato onde vive. Além de ser cheio de reviravoltas, o glamour, atrelado à pouca vaidade, tornam a enxadrista Beth singular e, ao mesmo tempo, extremamente vulnerável em um mundo liderado por homens.

Ao passo que começa a participar e vencer os campeonatos, Beth é forçada a encarar os dilemas da vida adulta, mesmo para uma criança que teve que crescer de forma tão traumática. A sua fama no xadrez atrai a atenção de todo o mundo, e ela não consegue lidar com tanta pressão. Ainda bem que a protagonista conta com a ajuda de antigos oponentes, que se tornam aliados e amigos na sua tentativa de ganhar do mestre invicto no mundo, em uma época de tensão entre os americanos e os russos.

Na época em que a série foi retratada, nos EUA, surgiu o começo do movimento feminista que chamamos de Segunda Onda. Além de a perfeição estética, das atuações e do próprio xadrez, sabemos observar a evolução da personagem mulher Beth Harmon pelos salões lotados de homens e sua confiança.

A série é incrível por nos proporcionar compreender a história de opressão e libertação das mulheres revelando, subjetivamente, mecanismos de controle de gênero, confirmando o que nem sempre é óbvio em uma sociedade machista: as mulheres geniais, as mulheres campeãs, as mulheres no PODER.



A MODA PARA MULHERES

Por Gabi Lenzi

A moda foi e está muito presente no contexto social feminino. Mas antes de trazer à tona suas contribuições em relação à liberdade e as conquistas das mulheres, por meio dela, vejo relevância em problematizar e abrir um olhar mais amplo e crítico sobre o assunto. As sombras da moda sobre a mulher são reais e fazem parte desse contexto. Negá-las, seria o mesmo que negar as conquistas que também andam de mãos dadas entre a mulher e a moda. Posto isso, uso de meu próprio itinerário, como pesquisadora e profissional de moda em busca de explicações nesse sentido.

Durante algum tempo, debati-me dentro de minha escolha profissional como estilista. Um dos principais pontos, que apertava meu sapato, era justamente a moda em relação à mulher. E isso era (e é) também um problema meu. Tomo como problema meu, pois na qualidade de profissional, responsabilizo-me pelo que me cabe.

Tenho consciência das responsabilidades que me assolam. Quando algo se encontra no mundo das ideias e a criadora ou criador acessa-o para materializar no mundo físico (sim, algo bem platônico), ele precisa saber de sua incumbência: depois de criado, a criatura tem vida própria e carrega consigo peso social, cultural, moral, material, simbólico. Ora, é impossível não se sentir responsável como criadora, tendo em vista essa consciência

Pois bem, considerando a história, a moda, como fenômeno cultural e social, foi impiedosa e tirana com a mulher em diversos momentos de sua trajetória. Os espartilhos da Belle Époque, que desenhavam as silhuetas em forma de ampulheta ou 'S', são um dos mais marcantes exemplos disso. Tais espartilhos forçavam a anatomia do corpo feminino, a ponto de fazer as cinturas femininas medirem pouco mais que 40 centímetros

Segundo autores, como João Braga, eram comuns as cirurgias para a retirada das costelas flutuantes, com a intenção de obter a cintura tão fina quanto o ideal de beleza imposto. Também relatos de mulheres que morriam por asfixia, são tema recorrente das aulas e pesquisas voltadas à história da moda que retratam esse período



Certamente, existem pesquisadores que refutam essas evidências, mas a questão é: redesenhar o corpo, seja com cirurgias ou com peças de roupa apertadas, para acolher um padrão estético, não pode ser considerado intrusivo? Ou seja, limita e submete o corpo da mulher ao bel-prazer da moda? Não acredito que existam respostas curtas e diretas a essas perguntas, mesmo porque, estudo há tempos essa questão, e ela vive se construindo e reconstruindo em minhas concepções. Um simples sim ou não, minimizariam contextos e argumentações que se fazem necessários.

Além de os icônicos espartilhos, reporto-me às amplas saias com exorbitante peso e metragens de tecidos, que deixavam as mulheres mais lentas, contidas e com pouca chance de movimento. Posso mencionar também, os chapéus que impossibilitavam inclusive o olhar, como é o caso dos chapéus conhecidos como Pala ou Victorian Bonnet, que emolduravam a face e limitavam o campo de visão.

Quero aqui ressaltar, que embora essa narrativa seja legítima e embasada em estudos e pesquisas sobre a moda feminina, o olhar parte de um contexto social atual: para mim, e imagino que para você também, grandes volumes de tecido sobre o corpo, espartilhos que comprimem os órgãos, chapéus que limitam nosso poder de contemplação, são inconcebíveis.

Isso porque nosso contexto social atual não nos permitiria o uso e creio que nos negaríamos a isso. Porém, isso não significa que estejamos completamente livres de alguma tirania da moda no atual momento. Pense nas possíveis bolhas, deixadas nos pés, após um dia inteiro trabalhando com sapatos desconfortáveis. Ou nos relevos ou reentrâncias ardidas deixadas por alguns modelos de sutiã. Mas como e por que, o corpo feminino é submetido dessa forma aos padrões da moda, ao longo de sua história? Não são poucas as obras científicas e literárias que questionam o corpo feminino como “cabide” do capital social masculino.

A pesquisadora Maria Alice Ximenes em seus estudos sobre a moda do Século XIX, menciona que o corpo da mulher, vestido ou despido, assume traços para ‘agradar’ ao homem. Ou seja, o corpo vestido era espaço para demonstrar socialmente o poder daquele homem: no corpo da mulher, ele expunha seu poder econômico com joias, vestidos e acessórios caros. Despido, também se tornava objeto sexual e de contemplação para ele.

Ainda, tratando-se da mulher e da moda oitocentista, a roupa era utilizada como signo da moral feminina, ditando o modo de comportamento que era adequado (ou não), a partir de como utilizavam tais roupas. Um espartilho apertado, bastante apertado, significava que a mulher que o vestia era virtuosa e respeitável e por isso, boa esposa. Como objeto de ostentação, a sociedade patriarcal, tinha no corpo feminino o índice de seu poder social, sexual e econômico.



Talvez nesse momento você esteja se perguntando: “Vendo tudo isso, como você ainda trabalha com moda? Você não acredita em sua área e por isso a expõe assim?” Ou então, esteja simplesmente chocada ou chocado com alguns dos indícios mencionados acima em relação à moda e à mulher e, esteja vendo a moda somente pelo viés de tirania. Mas posso adiantar que, qualquer um desses pensamentos são prematuros e incipientes.

Em primeiro lugar, como já falei anteriormente neste texto, fechar os olhos ao que confronta, não faz com que aquilo pare de existir e de ser tal como é, mas sim faz com que saibamos menos a respeito e, assim, alimentemos a limitação e a ignorância. Então, sim! É preciso ter conhecimento profundo sobre a ‘mata’ que se busca explorar. Em segundo lugar, a moda acaba sendo muito mais do que somente coerção. Assim como todo e qualquer fenômeno, a moda é ferramenta, e fazer bom ou mau uso dessa ferramenta, depende dos movimentos humanos. Por isso, a polaridade está presente no contexto da moda também, além do mais, ela é uma criatura do ser humano e obedece à sua condução.

A moda, materializada aqui como indumentária, pode ser considerada como o fio que entremeia a sujeição e a liberdade do feminino. Me reservo a não colocá-la como protagonista desse feito, para não responsabilizá-la pelo todo dentro da autonomia e da independência progressiva das mulheres, mas, vejo a moda como uma das, se não a primeira manifestação da retomada do espaço corpóreo da mulher.

A mesma moda que posicionava as mulheres aos padrões idealizados pela sociedade foi, também, um dos eminentes fenômenos simbólicos a conduzir as transformações femininas no início do Século XX. Enquanto desprezavam o uso do espartilho e adotavam às saias com menos volume e peso, por exemplo, as mulheres iniciaram a lutar pela liberdade e igualdade social e política.

As coibições físicas e psicológicas provocadas pela indumentária, anos antes, reluziam à nova indumentária, que era surpreendida pela praticidade, pela liberdade e economia de tempo e de dinheiro. Para tal conquista, de tomada do próprio espaço individual do eu, como identidade cultural, bem como de abertura social e política da mulher, a mudança do vestir foi essencial.



Um elemento da indumentária que participou da conquista feminina, foi a emblemática calça, a qual teve o uso pela mulher, proibido na França durante determinado período. Além disso, era considerada obscena em tantos outros países. Porém, foram as feministas americanas as primeiras mulheres a vestir as calças conhecidas como bloomers, que eram largas e franzidas na cintura e nos tornozelos. O uso da calça, feito por elas, era um protesto a favor de seus direitos de escolha e contra a repressão social do feminino que viviam.

A motivo de curiosidade, basta uma pesquisa mais aprofundada na Internet, para poder acessar matérias jornalísticas do início do século passado, que escandalizadas, comentavam sobre o uso da calça, feito pelas mulheres. Cena semelhante, que retrata esse acontecimento, pode ser vista na série televisiva britânica, Downton Abbey, quando a personagem Sybil, adentra a sala e choca os familiares, vestindo calças.

A queda do espartilho também foi um retrato da conquista feminina. Foi o estilista francês Paul Poiret, o responsável por tirar da indumentária feminina, o controverso espartilho. Sua moda libertou a mulher para poder viver as mudanças sociais experimentadas naquele período. Contudo, o próprio estilista lamentou, anos mais tarde, que libertou as mulheres na parte do busto e cintura, mas as repreendeu nas pernas, impossibilitando o caminhar. Isso porque sua moda era ampla e livre na parte superior do corpo, mas devido às suas referências orientais, suas saias e vestidos possuíam pouca abertura, o que fazia com que os passos necessitassem ser curtos.

Já na década de 1920, Coco Chanel, sensível às mudanças do pós-Primeira Guerra, amplia a boca da saia e deixa a roupa feminina ainda mais versátil e enxuta. O estilo esguio, propiciava mais mobilidade à mulher moderna, agora sem espartilho (retirado por Poiret), com saias mais práticas (feito de Chanel) e o princípio da indexação da calça ao cotidiano da mulher. Outros elementos, que não tangem à indumentária, mas estão no contexto da moda, estão relacionados à toilette feminina, como corte de cabelo, maquiagem etc. A obrigatoriedade de cabelos longos dá lugar aos cabelos estilo Eton, ou à la garçonne. Curtos e rentes à cabeça, acolhiam o acessório conhecido como cloche, um chapéu pequeno que permitia a mobilidade. Muito diferente do estilo pala ou dos chapéus eduardianos, utilizados poucos anos antes. O cloche, que em francês significa sino, podia ser retirado e colocado na cabeça com muita facilidade.

O batom vermelho também é um elemento representativo do desejo de liberdade e igualdade de direitos para as mulheres. Atualmente, podemos ver campanhas publicitárias e ícones da luta feminista, usando o batom vermelho como símbolo de empoderamento. Porém, seu uso com esse argumento, existe desde o início do século passado, quando foi usado pelas sufragistas americanas.

Ao longo do último século foi possível observar, refletido na roupa e na moda, as conquistas das mulheres por seus direitos, mas por certo, com diversos vai-e-vens. Já conquistamos algo, mas acredito, de fato, que ainda temos muito a conquistar. Basta observar os dados e relatos acerca da mulher no campo do trabalho, no ambiente doméstico, no contexto social, para perceber as ainda insistentes desigualdades.

E a moda em meio a tudo isso? Ela nos acompanha e nos dá pistas dos desejos sociais intrínsecos, de algumas resistências, de algumas conquistas. Arrisco-me a dizer que, um considerável indício físico da moda atual, que reflete nosso desejo de liberdade, de 'caminhar' em busca de respeito e direitos, seja o fato de termos trocado o salto alto, sempre tão visto no cotidiano, por sapatilha e tênis. Certamente ainda vemos saltos "andando por aí", mas você há de concordar comigo: eles diminuiriam muito!

Essa troca está refletida em um objeto físico; contudo, ele representa o desejo de liberdade, de mobilidade, de movimento social intenso. Em seus estudos publicados em 1981, Alison Lurie mencionava que os sapatos de salto alto eram a tentativa que ainda restava, de limitar a mobilidade da mulher. Percebe-se, porém, que 40 anos mais tarde, essa moda pode estar sendo repensada, ao menos.

Conforme já mencionei aqui, a moda não pode (nem deve) ser responsabilizada, nem vista como o principal fenômeno no tocante à mulher, suas opressões ou suas libertações. Contudo, existe na moda um espaço dinâmico para que os movimentos ocorram. O corpo, como primeira casa, permite esta vívida e energética expressão por meio da roupa e dos hábitos de vestir e ornar. Dessa forma, os desejos internos e pessoais e as mudanças sociais que ocorrem, são rapidamente refletidas nele pela moda.

Portanto, querida leitora e querido leitor, desafio você, a começar a observar essas mudanças que ocorrem no meio social e como elas se encontram refletidas na indumentária. Alerto que nem sempre é tão simples conseguir perceber isso quando se vive, pois exige certo treino de afastamento para contemplar. Caso seja mais simples, observe na história e em movimentos sociais passados. Você consegue lembrar de algum?



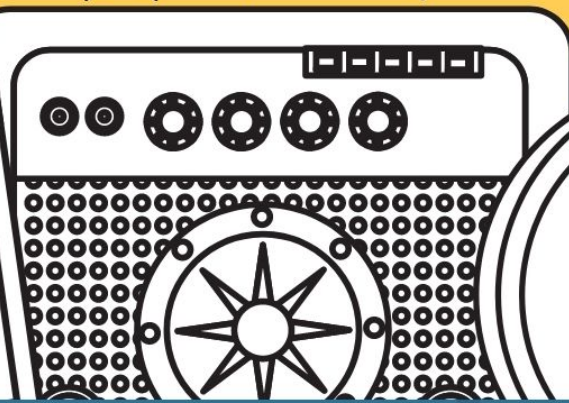
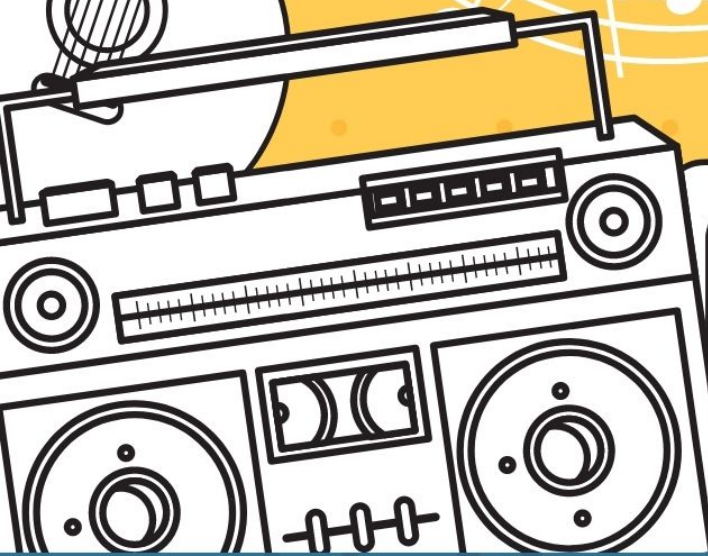
ANAH POP GRAMMY

Março, mês das mulheres, e do GRAMMY Awards. Então, para a matéria deste mês, nada melhor do que unir esses dois tópicos. Este ano, o protagonismo feminino na premiação foi inegável, em que todas as categorias principais foram levadas por mulheres.

Billie Eilish que já havia feito história na edição de 2020, ganhou o prêmio de Gravação do Ano, com sua música "Everything I Wanted", a cantora de R&B, H.E.R, levou o gramofone de Melhor Música do Ano com "I Can't Breathe", inspirada pelas mortes de Breonna Taylor e George Floyd pela polícia, que ascenderam o movimento Black Lives Matter nos EUA, no ano passado. Sem deixar de mencionar também, Dua Lipa, cantora britânica que venceu na categoria Melhor Disco de Pop Vocal com seu álbum de grande sucesso, Future Nostalgia.

Além de ter servido absolutamente tudo em sua performance de "Savage", "Body" e o hit "WAP", com Cardi B, conquistou um dos grandes prêmios da noite, o de Artista Revelação. Além disso, como a Megan chegou para varrer o GRAMMY, levou os prêmios de Melhor Performance de Rap e Melhor Música de Rap pelo remix da música "Savage", em colaboração com a rainha, Beyoncé.





Megan chamou muita atenção da mídia com todas essas vitórias, mas na minha opinião, era de se esperar, já que todas as músicas que ela lançou até agora foram de enorme sucesso. Além disso, um momento muito comentado foi o discurso de agradecimento de Megan e Bey ao ganhar Melhor Música de Rap, quando as duas se elogiaram bastante e Megan disse que sempre foi o sonho dela ser como Beyoncé, então foi uma grande honra colaborar com ela.

Mais uma das poderosas da noite foi Taylor Swift. Como sempre, a cantora já faz sucesso há muitos anos, e isso não é novidade, mas com a sua vitória de Álbum do Ano, pelo “Folklore”, Taylor virou a primeira e única mulher a vencer a categoria três vezes, apenas Stevie Wonder, Frank Sinatra e Paul Simon haviam conseguido tal feito. A cantora e compositora agora conta com 11 gramofones em sua prateleira.

E agora o ponto alto da premiação, a rainha já mencionada, Beyoncé, consagrou-se como a artista que possui mais GRAMMYS na história da premiação. A cantora levou quatro prêmios nesta edição de 2021, e agora tem um total de 28 gramofones na carreira. E como se todo o talento e sucesso de Bey não fosse o suficiente, sua filha, Blue Ivy Carter, tornou-se a segunda pessoa mais jovem a ganhar um GRAMMY por sua participação em “Brown Skin Girl”, uma produção que homenageia e exalta as mulheres negras levou o prêmio de Melhor Clipe de Música nesta edição de 2021. Devo acrescentar que é um clipe lindo, deixou-me bastante emocionada, e se você não o assistiu ainda, por favor, faça isso.

Acho que já deu para ver que o GRAMMY e o ano na indústria musical vai ser todo delas!

JOY:

O NOME DO SUCESSO

Por Aline Inácio

O filme traz uma história real sobre a empreendedora Joy Mangano, muito conhecida pelas suas invenções mirabolantes. Joy é uma mãe solteira que vive com os dois filhos, a mãe, a avó e o ex-marido. Desde pequena ela mostrava ser uma criança prodígio, sempre com várias ideias.

Estrelado por Jennifer Lawrence, o filme mostra como é importante acreditar em uma ideia, não importa o quão incomum possa parecer. Além do mais, é muito interessante acompanhar a trajetória de Joy, desde a concepção da ideia do esfregão e construção do primeiro protótipo, até a busca por investidores e formas de distribuição do produto.

Joy: O Nome do Sucesso é, sem dúvida nenhuma, um dos melhores filmes de empreendedorismo já lançados na história do cinema, além de ser uma inspiração para mulheres que pensam que só porque estão casadas não devem seguir seus sonhos.

MULHERES QUE REPRESENTAM

Por Anna Ferreira

Sua mãe, irmã, tia, avó ou talvez uma artista admirável. Seja quem for, você provavelmente tem uma mulher inspiradora como exemplo para a sua vida. O caminho traçado pelas mulheres em busca de seus direitos, de seu espaço e reconhecimento, ainda é presente e marcado por personagens nem um pouco fictícios. Por isso, queremos mostrar-lhe a história dessas mulheres, que foram em busca de seus desejos e construíram um legado capaz de influenciar nossas rotinas e que até hoje são uma inspiração para todas nós. Elas nos representam.

Marie Curie



Marie descobriu o Polônio e o Rádium (dois elementos importantes na tabela periódica), desenvolveu a teoria da relatividade, foi a primeira professora mulher admitida na Universidade de Paris e, como se não fosse o bastante, foi a primeira pessoa a receber duas vezes o Prêmio Nobel.

Malala Yousafzai



Você provavelmente já ouviu falar na Malala. A paquistanesa é a pessoa mais jovem a ser contemplada com um Prêmio Nobel. Por sua luta pelos direitos das mulheres à educação e pelo símbolo de força e resistência que se tornou, devido à sua experiência pessoal.

Margaret Heafield



Homem na lua graças a uma mulher. Margaret trabalhou como diretora de engenharia de software para a NASA. Basicamente, foi uma das responsáveis pelo Projeto Apollo, um dos mais importantes da agência espacial.

Dandara líder do Quilombo dos Palmares



Dandara, Esposa de Zumbi, ela assumiu a missão de proteger o Quilombo dos Palmares, fundado e composto por escravos que haviam fugido dos engenhos, considerado o maior centro de resistência negra à escravidão no Brasil.



Anne Frank



Annelies Marie Frank foi uma adolescente alemã de origem judaica, vítima do Holocausto. Durante a Segunda Guerra Mundial teve que se esconder para escapar dos nazistas. No Anexo Secreto, em Amsterdã, escreveu as anotações que levariam à publicação do Diário de Anne Frank (1947). Ela se tornou uma das figuras mais discutidas do século XX.

Komako Kimura



Komako foi uma figura proeminente na grande marcha das mulheres pelo sufrágio em 1915, que reuniu 20 mil pessoas. Além de ter lutado pelo direito das mulheres ao voto, sendo uma das mais famosas feministas do Japão.

Princesa Diana



Lady Di, como era conhecida, tinha uma personalidade forte e opiniões próprias que iam contra as regras da realeza. Atuante em causas sociais, a princesa confrontou a monarquia, atraindo olhares do mundo todo e, principalmente, dos paparazzi. Por ter dito “não” às formalidades, Diana foi julgada pela família real, que discordava de sua postura. Porém, a princesa se manteve firme em seus posicionamentos até o fim de sua vida, em 31 de agosto de 1997. O acidente que tirou a vida da princesa da mídia é repleto de mistérios, mas sua memória é lembrada sempre por sua generosidade e altruísmo.



Marielle Franco



Marielle Franco foi uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (Psol). Ativista dos direitos humanos e bissexual, ela foi presidente da Comissão da Mulher da Câmara do Rio e coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Marielle lutava pelos direitos das mulheres, negros e comunidade LGBTQ+, além de denunciar casos de violência e abuso cometidos pela polícia nas periferias do Rio de Janeiro. Após o seu assassinato em 2018, “Marielle vive” e “Marielle virou semente” são frases usadas até hoje para reforçar o legado deixado por ela.

Você!

Por último, não poderíamos deixar de falar de uma figura importantíssima: você, mulher. Assim como as mulheres mencionadas acima, você está inclusa na nossa história e contribui significativamente para a sociedade, do seu jeitinho.

Por isso, nós do Mundo da Publicidade, vimos te homenagear nesta edição e agradecer por contribuir significativamente com a nossa luta. Que você se sinta valorizada e reconhecida por ser exatamente quem você é e por todas as dificuldades que enfrenta diariamente.

Para aproveitarmos essa vibe, preparamos para você uma playlist super alto-astral, GIRL POWER, que vale para os dias nos quais você quer dar a volta por cima, e também para os dias quando você estiver tão animada que precisa gritar para o mundo o quanto você se ama e é dona de si. Inspire-se nas personagens tratadas nesta matéria, na nossa playlist, e inclusive em você mesma!



ELAS TAMBÉM FAZEM PARTE DA NOSSA HISTÓRIA!

CONHEÇA A HISTÓRIA DE ELIENE E SANDRA

Por Anna Ferreira

Nesta edição, a qual O Mundo da Publicidade tem como maior foco homenagear as nossas mulheres, temos a honra de contar a história de duas grandes inspirações que vieram da Bahia para Santa Catarina, um estado completamente fora do cotidiano de ambas, para tentarem uma vida melhor.

CONHEÇA A HISTÓRIA DE ELIENE

Eliene Souza Martins, 39 anos, casada e mãe de três filhos, nasceu e cresceu em Buerarema (Bahia) e em 2010, por recomendações de amigos, ela decidiu vir para Brusque (Santa Catarina), em busca de renovar sua vida. Com o cenário precário do mercado de trabalho no estado, Eliene nos conta que sua vida na Bahia era muito difícil, sendo quase impossível não depender dos familiares para sobreviver. - “Na Bahia não tinha como crescer.”

Já em Brusque, logo após ter conseguido seu emprego na UNIFEBE, ela comenta que tudo ficou muito mais fácil. É perceptível notar o quão realizada e feliz ela está por viver em uma cidade que a acolhe tão bem e que possa superar suas escolhas de vida.

Além disso, Eliene se orgulha por ter seus três filhos hoje trabalhando. - “No começo, eu morava de aluguel, mas hoje, eu consegui comprar minha própria casa. Isso é uma conquista para mim muito grande.”

Ademais, ela nos confessou que, futuramente, tem um grande desejo de cursar Pedagogia. Como forma de mensagem para as nossas leitoras, Eliene afirma, “Todas essas mulheres que são guerreiras como eu, nunca desistem de lutar, porque vocês vão conseguir alcançar seus objetivos como eu consegui. Apesar de a dificuldade, hoje em dia eu agradeço a Deus por ter meu emprego e estou evoluindo, conseguindo mais e mais a cada dia que passa”.



CONHEÇA A HISTÓRIA DE SANDRA



Sandra Bomfim de Assis, 40 anos, mãe solteira, tendo duas filhas e uma neta, nasceu e cresceu em Ilhéus (Bahia), e em 2009, também com o intuito de ter uma nova vida, ela decidiu “largar” sua família e vir para Brusque (Santa Catarina).

Em Brusque, começou a trabalhar primeiramente como operadora de máquina em uma fábrica de maionese, e logo após, num cargo de cozinheira. Há 6 anos, Sandra conseguiu seu atual emprego, que é na UNIFEBE. - “Eu gosto muito daqui, é um lugar muito bom para você trabalhar, aqui você pode escolher no que quer trabalhar, eu me sinto livre.”

“Estou aqui trabalhando para dar o melhor para elas. Eu faço tudo por elas” - Sandra é um exemplo claro de uma mãe solteira, guerreira, que luta tanto pelo bem das suas filhas. A falta que os seus familiares fazem é o motivo principal do aperto no coração que sente; contudo, hoje ela considera seus amigos brusquenses sua família. Inclusive, enfatiza o quanto é grata pelas pessoas que têm ao seu lado. - A minha família em Brusque são meus amigos”.

Sandra não terminou ainda seus estudos, por isso tem um grande desejo de voltar a estudar e finalizar com algum tipo de curso, no futuro. Sandra representa as mulheres fortes, independentes e, principalmente, aquelas que não têm medo de ir em busca dos seus próprios objetivos.

Minha História

-Michelle Obama-

Por Anna Ferreira

Uma das mulheres mais admiradas mundialmente e conhecida pelo seu papel como a primeira afro-americana a se tornar primeira-dama dos Estados Unidos, narra sua jornada nesse best-seller.

MINHA
HISTÓRIA



Em Minha História, Michelle Obama nos conta suas memórias desde sua infância em uma casa humilde em South Side, até chegar à Casa Branca como primeira-dama dos Estados Unidos, mas tudo isso de forma leve, com muito humor e com uma narrativa poderosa.

Um livro honesto, humano e agradável. Michelle compartilha as dificuldades que enfrentou, como racismo e pobreza. Ela nos conta, ainda, sobre como concilia sua trajetória profissional de crescimento com seu papel de mãe.

Um fato muito interessante é que Michelle nos conta sobre suas mentoras e pessoas que a inspiraram, deixando clara a importância do apoio de familiares e amigos.

@empreendework



Por Aline Inácio

Em comparação com as empresas lideradas por homens, as mulheres enfrentam diversos obstáculos para o sucesso. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva e Instituto Rede Mulher Empreendedora mostrou que se todos esses problemas com as mulheres não bastassem, desde o início da pandemia do Coronavírus 39% dos negócios por elas dirigidos tiveram que interromper suas atividades.

Por isso, hoje vamos indicar o perfil @empreendework, que traça maneiras de destacar o negócio no meio digital e promove consultorias para as empresas. No feed, a marca liderada por Arlene Figueiredo demonstrou as habilidades de unboxing e criação de conteúdo para redes sociais.



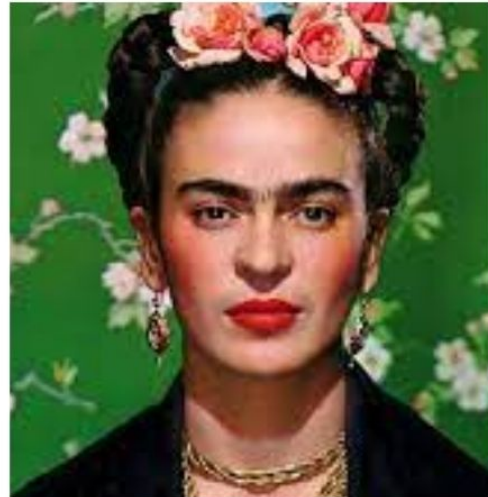
POR QUE FRIDA É CONSIDERADA NOSSO SÍMBOLO?

Por Aline Inácio

Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón, mundialmente conhecida como Frida Kahlo, nasceu em 6 de julho de 1907, em Coyoacán, no México. Sua vida foi marcada por paixões, dores, sofrimento e perseverança, Frida levou ao mundo as cores vibrantes e a energia do povo mexicano em suas roupas, adereços e pinturas.

Filha de um pai alemão e uma mãe mestiça, Kahlo passou a maior parte de sua infância e vida adulta em sua casa de família em Coyoacán, La Casa Azul, agora conhecida publicamente como o Museu Frida Kahlo.

Seus desafios de saúde começaram cedo, aos seis anos, foi diagnosticada com poliomielite. A doença causou o atrofiamento parcial de suas pernas e um defeito no pé.



Aos 18, esteve em um acidente envolvendo um ônibus e um carro, e foi submetida a mais de 30 operações — uma barra de ferro atravessou sua barriga e virilha no momento do acidente — que contribuíram para a imagem da mulher que transformava o próprio sofrimento em arte.



No entanto, foi nesse período que Frida descobriu a pintura. Impossibilitada de levantar da cama, seu pai adaptou um cavalete a sua cama e espelho no teto para que a filha pudesse pintar. Aí começou uma série de autorretratos. O primeiro foi “Autorretrato com vestido de veludo” dedicado ao namorado que a abandonou nesse período.

Três anos após o acidente Frida aproximou-se do artista Diego Rivera ao levar alguns de seus trabalhos para que o pintor os analisasse. Esse encontro despertou uma grande paixão que resultou em um relacionamento conflituoso, repleto de traições mútuas e separações, além de três abortos espontâneos que levaram Frida a mais traumas psicológicos.

Em um momento conturbado desse relacionamento, Rivera chegou a envolver-se com a irmã de Frida, o que pôs fim ao primeiro casamento. Entre idas e vindas, a pintora teve romances com homens e mulheres durante todo o seu casamento com Diego Rivera. Ela não pedia desculpas por suas escolhas sexuais, um ato ousado para o seu tempo. Um de seus notáveis casos foi com a artista Josephine Baker e Leon Trotsky, a quem Frida ofereceu abrigo político em sua própria casa, em 1937.



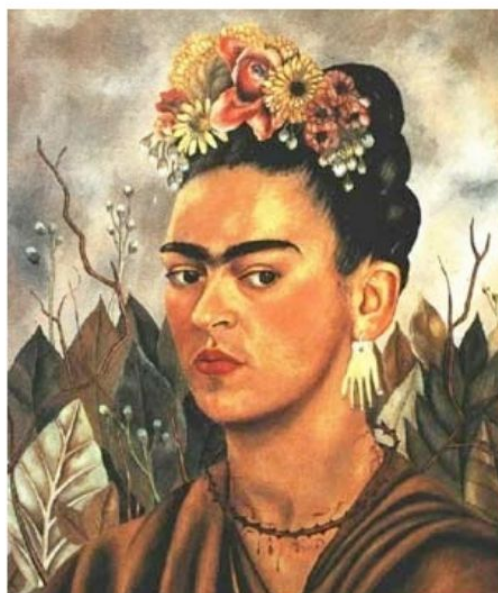
Ao longo dos anos, a saúde da mexicana se deteriorou rapidamente — também em consequência ao seu crescente abuso de medicamentos e álcool. Em 1953, ano anterior ao de seu falecimento, Frida teve uma de suas pernas amputadas (resultado de complicações de uma cirurgia) e apareceu na sua primeira exposição individual no México em uma ambulância, contra a recomendação dos médicos.

A artista morreu em 13 de julho de 1954, aos 47 anos. Frida havia

contraído uma forte pneumonia e em seu atestado de óbito registra embolia pulmonar como a causa de sua morte. No entanto, não se descarta a hipótese de suicídio. Em seu diário, antes de morrer, a pintora registrou: “Espero alegre a minha partida — e espero não retornar nunca mais”. Poucas semanas antes de sua morte, Frida havia tentado o suicídio.

Figura feminina

Frida fumava, praticava boxe, ganhava desafios de tequila contra homens, e vestiu-se como um homem num retrato de família, contrastando com a mãe e as irmãs que usavam vestidos. Ela se recusou a alterar seus traços “masculinos”, incluindo seu bigode fraco e exagerado. Ela escreveu uma vez em seu diário “do meu rosto, eu gosto de minhas sobrancelhas e olhos”. No entanto, ela ainda abraçava a sua feminilidade, usando vestidos coloridos e decorando seu cabelo com tranças e flores.

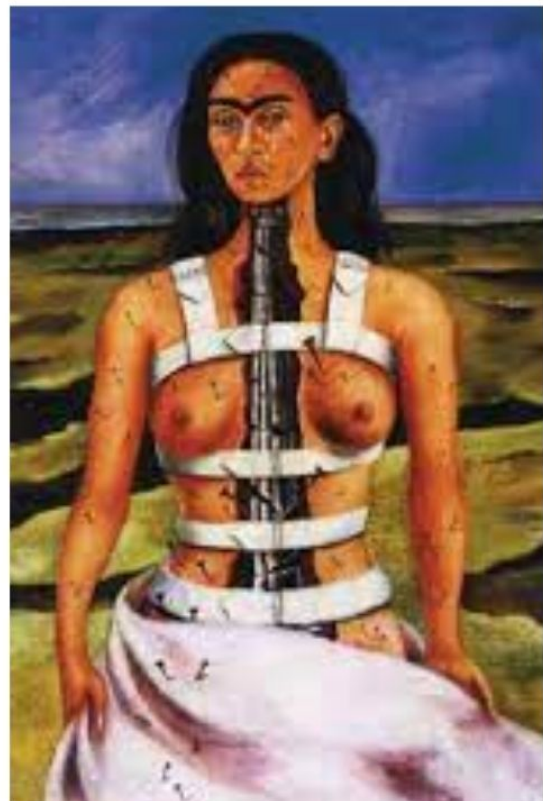


Ela desviou-se da representação tradicional da beleza feminina na arte e optou por pintar experiências cruas e honestas que tantas mulheres enfrentam. Seu assunto incluía aborto espontâneo, parto, amamentação, entre outras coisas, muitas vezes visto como tabu e como muitas experiências femininas totalmente ignoradas.

Uma de suas obras mais chocantes é “Unos Cuantos Piquetitos”, de 1937. Na tela, é possível ver uma mulher nua e ensanguentada em uma cama e um homem ao seu lado, segurando uma faca. A pintura veio de um caso que Frida teve conhecimento, o qual se tratava de um marido que matou a esposa por ciúme e disse ao juiz que foram “apenas uns cortes pequenos”, na tentativa de ser absolvido.

A sua própria fragilidade física era exposta em suas pinturas. Frida não tinha medo de revelar ao mundo as consequências do acidente que sofreu, como pode ser visto no quadro “A coluna partida”, de 1944. Nele, a pintora aparece com sua coluna exposta e toda quebrada, além de pregos por todo o corpo. Isso retrata as dores sofridas por ela durante a vida.

A influência da icônica pintora mexicana continua a aparecer nos trabalhos de estilistas, fotógrafos, cantores e cineastas, mesmo após 67 anos de sua morte. Sua curta vida deixou marcas gigantescas que estão muito além do universo da arte. A artista conseguiu tornar-se uma das mulheres mais famosas do século XX, a figura da mulher forte, decidida e à frente do seu tempo serve de inspiração para muitas mulheres.



CARTA AO LEITOR

Por Thiago Santos

As cortinas se abriram, e eu saí de cena. Desta vez, todos os conteúdos produzidos nesta revista foram pensados, redigidos e diagramados por mulheres. De fato, confesso que o meu coração se enche de orgulho ao ler esta edição completamente feminina. Da decisão da matéria de capa às entrevistas: tudo pensado e idealizado por mulheres incríveis do curso de Publicidade e Propaganda da UNIFEPE. Mas espere: eu também quero ter o meu lugar de fala nesta edição, afinal, eu sempre tenho boas histórias para contar, e prometo trazer uma narrativa da minha trajetória com mulheres.

Caçula da família e extremamente protegido pelos meus pais e meus irmãos, tenho proximidade com o universo feminino desde muito novo. Isso se deu, pois, ao ser o ultimogênito, tive a oportunidade de ser o bebê da minha irmã e da minha mãe. Como nunca, as duas brincavam de ser mãe comigo. Talvez tudo isso tenha acontecido em uma fase em que meus pais estivessem mais confortáveis financeiramente e emocionalmente. Afinal, casaram-se aos 17 anos de idade em 1971, e até a minha chegada, foram 14 anos de muita luta, trabalho e batalha para proporcionar uma vida melhor a toda minha família.

Mas espere! Essa abertura serve apenas para você entender qual a minha relação familiar e a importância das mulheres em minha vida. Como falei, minha mãe e minha irmã sempre foram os meus exemplos para tudo: comportamento, atitudes, condutas e modos de agir.

Quando adulto, a trajetória feminina permaneceu na minha vida, e desta vez, o papel que era ocupado pela minha família passou a ser das minhas amigas, professoras e das colegas de trabalho. Lembro-me como se fosse hoje: ainda na graduação em Publicidade e Propaganda, tive o prazer de ser orientado por uma mulher, cujo nome era Janine. Divertida, alegre, inteligente e sagaz. A cada orientação para o temido Trabalho de Conclusão de Curso, saía cheio de respostas ao mundo e com ainda mais indagações sobre a vida. Hoje, infelizmente, não tenho mais contato com a professora, mas ela sabe e tem a certeza de que faz parte do que sou hoje.

No mestrado, a cena se repetiu. Uma mulher, com pouco mais de 1 metro e 40 centímetros, com cerca de 70 anos (que carinhosamente eu a chamava de Smurfete) era a minha orientadora. Maria José era o seu nome. Embora pequena, no corpo dela habitava um dragão, um tiranossauro Rex, ou qualquer outro ser que possui muita força e braveza. Eu a amava e acho que ela também gostava de mim. Eu aprendi a conviver com ela, e até o término do mestrado, eu arranquei muitas risadas dessa incrível mulher. Quanta saudade eu sinto das orientações, das conversas e até das gargalhadas gostosas nas tardes de terça-feira. Defendia-me com unhas e dentes, brigava pelo meu sucesso, mas assim como minha mãe e minha irmã, deu alguns puxões de orelha nas minhas atitudes e ações que estavam erradas. Eu aprendi demais com essa mulher.

Não contente com esta história, no doutorado fui escolhido por outra mulher chamada Maria José. Dessa vez, não tão pequena, afinal, ela passava a altura da minha Smurfete do mestrado. Sim: as Marias realmente fazem parte da minha vida. O que no mestrado eu tinha medo, no doutorado eu encontrei uma mulher muito bem resolvida, muito amorosa e muito, mas muito divertida. Isso não significa que ela não puxava a minha orelha quando era necessário, porém ela me protegia bastante (e eu ficava muito feliz por isso). Cada orientação nas tardes de segunda-feira era um show de Stand-up. Muitas gargalhadas, diversão e orientação à tese de doutorado, recheadas de momentos que ficarão eternamente em minha memória.

Além de a minha trajetória educacional, profissionalmente, sempre fui rodeado de mulheres. Meu primeiro emprego, uma chefe. E nos demais, fui liderado e coordenei equipes extremamente femininas. Confesso que houve momentos pesados (assim como qualquer trabalho), mas outros eram extremamente leves e divertidos. Além disso, por todas as universidades das quais eu trabalhei, sempre tive uma representação e liderança recheada de mulheres. Entrar diariamente nos ambientes dos quais existiam mulheres sempre me fortaleceram e me proporcionaram crescimento profissional, pessoal e experiências positivas na vida. Aí você se pergunta: Aonde você quer chegar com essa narrativa?

O lugar aonde eu quero chegar, não sei! Mas quero que você, leitora, aprecie o quanto as mulheres impactaram a minha vida. Possivelmente, várias influenciaram a sua também. Exercite a sua memória e resgate todas aquelas que te auxiliaram na trajetória da sua vida pessoal e profissional. Tenho a certeza de que existiram diversas Marias que influenciaram você e tornaram o que és hoje. Às mulheres da minha vida, gratidão eterna!

**Um abraço,
Thiago**

NA EDIÇÃO ANTERIOR

CONTE PRA GENTE QUANTAS ACERTOU NO INSTAGRAM @PPUNIFEBE

Que tal encontrar tudo o que você aprendeu na edição passada nesse mundo publicitário? Ah! O resultado vai ser divulgado na próxima edição, ok? Boa sorte!

1- Que setor da agência é responsável pela coleta do briefing? *ATENDIMENTO*

2- Antes de começar a criação e a redação, é feito *BRAINSTORMING* para construção coletiva da campanha;

3- O setor de *MÍDIA* é responsável por definir quais são os melhores canais para a divulgação de uma campanha, peça ou anúncio.

4- A redação atua junto com o setor de *CRIAÇÃO* e normalmente está no mesmo departamento

5- Em qual ano o @kobrastreetart entrou para o Guinness Book? *2016*

6- Com a obra "*POVOS NATIVOS* dos 5 continentes", considerada o maior grafite do mundo.

7- A *PESQUISA DE MERCADO* é uma importante ferramenta para a tomada de decisão das empresas, e atualmente, torna-se cada vez mais necessária, dada a constante mudança do comportamento humano.

8- Uma das maiores agências do Brasil a Y&R, já antiga no mercado estadunidense a chegada dessa poderosa agência em solo nacional é obra de *ROBERTO JUSTU*.

9- Qual é o termo utilizado para designar a renovação constante das peças comercializadas no varejo de moda. *FAST FASHION*

10- *LOVEMARKS* para a Publicidade e Propaganda representa um conjunto de estratégias desenvolvidas por empresas, a fim de aproximar o consumidor de uma marca.

11- O amor pela marca é construído a partir das *ATITUDES DE CONSUMO*